

Eu nasci na Vila Nova, *Neópolis* hoje, na beira do rio de São Francisco; defronte a Penedo, que já é Estado de Alagoas. Nasci no dia 5 de outubro de 1880. Meu nome é Agesilao Baptista Martins Soares, mas só me chamam Ioiô Pequeno, Seu Ioiô, Ioiô, e coisa... Hoje com noventa e três anos de idade, ainda me chamam Ioiô *pequeno*...

Meu pai: Doutor José Leandro Martins Soares. Papai era formado em Direito, era advogado. Nasceu no engenho do Cadoz, município de Pacatuba. Primeiro, ele estudou pra padre; depois, largou o seminário, foi estudar Direito no Recife e saiu bacharel. Papai era um homem de valor, conhecido e respeitado. Advogou no Aracaju e em toda a região do baixo São Francisco. Quando Sergipe foi desagarrado da Bahia, foi o primeiro vice-presidente do Estado. Foi chefe de polícia do Estado, etc. Era filho do Coronel Francisco Martins da Silva Soares e de Dona Maria Accioli Martins Soares, que eram meus avós. Antes dele, não sei se teve na família outro parente — bisavô, ou tataravô, etc. — com esse nome de *Zé Leandro*. Mas eu tive um irmão Zé Leandro e, depois da nossa geração, este nome continuou nos descendentes. Josias, o mais velho dos meus irmãos (ainda agora eu vim a Vitória pra comemoração do aniversário dele: se 'tivesse vivo, ia fazer cem anos), deu a um filho dele o nome de José Leandro e, assim, esse meu sobrinho ficou com o mesmo nome de papai: José Leandro Martins Soares. Ainda tenho outro sobrinho chamado Zé Leandro: José Leandro de Barros Pimentel, filho de minha irmã Caetaninha, radicado em São Paulo.

Iaiá, minha mãe, chamava-se Maria Emília Baptista Martins Soares; em solteira era Baptista Gomes. Seu nome também passou pra descendência da nossa família. Josias e Arlinda deram o nome de *Maria Emília* a uma filha deles, minha sobrinha Mariinha, que morreu solteira, tuberculosa. E ainda tem outras Marias Emílias, parentes nossas, lá prá bandas de Minas e de Goiás, pra onde foram meus outros irmãos. Minha mãe era filha do Coronel Baptista Gomes, coronel da Guarda Nacional, com patente dada pelo Dom Pedro. Meu avô tinha farda, tinha espada, tinha boné — dois bonés! —, tinha chapéu da Guarda Nacional, arreios de animais, etc.; a brida, o cabeção e as esporas eram de prata, e a estribeira, de latão. Iaiá era a única filha de Ioiô. Quando nós éramos pequenos, que ela ralhava com a gente — porque 'tava desobedecendo, brigando, e coisa — e a gente respondia uma coisa que não era certa, que não era direita, ela dizia: «Quer se fazer *catolo*?!» — correndo atrás da gente com uma correia na mão, um pedaço de loro pra dar umas lapadas. Josias, já depois de velho, ria-se a valer quando lembrava estas coisas. «Quer se fazer *catolo*» quer dizer: «'Tá querendo se fazer de tolo cá comigo?» Então, em vez de dizer: «Quer me responder mal?», o que ela dizia era uma palavra só: *catolo*. «Quer se fazer *catolo*?...» Eu acho que Iaiá nasceu uns vinte anos depois de Ioiô, que era o pai dela; porque Ioiô casou-se muito moço e ficou

viúvo com dezenove ou vinte anos de idade. Diz que não casou de novo porque talvez não pudesse dar conforto à mulher, que o recurso era pequeno — não sei. Do casamento de Ioiô com minha avó Joana nasceram dois filhos: Josias, que morreu ainda pequeno, afogado, e Iaiá, minha mãe. Quando morreu minha avó Joana, Iaiá ficou pequeninha, criança de colo. Quem criou ela foi Tatá: uma moça velha, eu alcancei ela já velha. Tatá morava numa casa em Vila Nova, mas Iaiá foi criada em Vila Nova e na Várzea Nova, porque Tatá ia pra lá e vinha pra cá com ela. Depois, Tatá acabou dando a casa onde morava a Zafira, uma que ficou irmanada mais nós porque foi criada no Cadoz por titia Donana. E Zafira foi nomeada professora, 'teve ensinando no Carrapicho, depois se mudou pra Propriá e lá morreu. Era uma pessoa da nossa estima, da nossa consideração, mas não era parente nossa. Depois que se criou, então, Iaiá casou-se com papai, teve oito filhos, e tal. No ano em que Josias se formou em Pernambuco — 1898 — ela foi operada da vista e, nessa ocasião, o médico disse a papai que daí a dez anos ela cegaria definitivamente. Quando bateu os dez anos, cegou. Ainda viveu catorze anos cega. Morreu em 1922, em janeiro, numa sexta-feira, que era o dia de feira lá em Vila Nova.